

# Imprensa britânica, agora favorável ao Brasil.

A cruzada do ministro Dílson Funaro vem sendo acompanhada de perto e com grande interesse pela imprensa britânica. E o mais interessante é que, depois do susto inicial, da publicação de artigos falando da irritação dos banqueiros e do perigo de desestabilização do sistema bancário mundial, os artigos dos jornais parecem agora menos alarmistas e mais favoráveis ao Brasil.

No início, o **Guardian**, apontado como o mais liberal dos diários ingleses, foi o único a dizer em editorial que os países do Terceiro Mundo não podem pagar o dinheiro que devem (os juros, mais precisamente) se os bancos continuarem a impedi-los de crescer, economicamente, drenando todos os recursos financeiros que conseguem com suas exportações.

No fim de semana, a tônica dos comentários mudou substancialmente. O **Financial Times** publicou sábado um artigo de quase meia página, assinado por Anatole Kaletsky — um especialista em dívida externa —, dizendo de início que, mais cedo ou mais tarde, países como Brasil e México iriam dizer “chega” à infundável transferência dos seus recursos para os bancos internacionais. E que essa atitude, levando-se em consideração o bom senso e o conhecimento elementar de história dos envolvidos na questão, não provocará nem guerra comercial, nem crise financeira e nem um cataclisma econômico de qualquer natureza.

O título do artigo é revelador: “Don't cry for Brazil”, ou seja, “Não chore pelo Brasil”.

Anatole Kaletsky faz uma retrospectiva de acontecimentos semelhantes registrados nos últimos cem anos, e lembra, por exemplo, que depois da moratória declarada pelo Brasil em 1931, a produção industrial do País cresceu sete anos seguidos a uma taxa superior a 11%. E que o exemplo lançado pelo governo brasileiro, na época, foi imitado por toda a América Latina, com exceção da Argentina, Venezuela e República Dominicana.

O comentarista do **Financial Times** reconhece que o envolvimento dos bancos internacionais com a dívida latino-americana naquele tempo era pequeno, mas se diz convencido de que, mesmo agora, a reação do Brasil e de outros países devedores não representa um perigo maior para o sistema financeiro internacional, porque “as finanças mundiais estão hoje infinitamente mais robustas do que nos anos 30”.

Kaletsky ressalta que o Brasil não está pedindo o cancelamento de débitos e nem mesmo taxas de juros abaixo do nível de mercado, e diz que os bancos poderiam muito bem capitalizar metade do dinheiro que recebem anualmente do País — cerca de 11 bilhões de dólares — se o governo brasileiro se comprometer a aplicar um programa razoável de recuperação da economia e de estabilização dos preços.

Kaletsky, depois de dar várias razões pelas quais os bancos deveriam modificar sua estratégia, cita uma última, segundo ele mais importante do que todas as outras: “Na eventualidade de um confronto entre

os países devedores e os bancos, é bastante provável que os devedores saíssem vitoriosos”.

O comentarista do **Financial Times** prossegue o artigo dizendo que a ameaça dos bancos de apresar navios, sequestrar reservas ou confiscar cargas em portos é uma “pura encenação”. E isto porque corporações privadas ou mesmo companhias estatais de comércio não podem ser responsabilizadas pelos débitos governamentais.

“Os governos ocidentais, naturalmente, poderiam fazer tudo para derrubar um país que declara moratória unilateral”, acrescentou Kaletsky, para em seguida perguntar: “Mas será que é o que desejariam? Países que se recusaram a adotar sanções econômicas contra a África do Sul, a Polônia e a Líbia declarariam um embargo comercial contra democracias emergentes como as do Brasil e das Filipinas?”

Kaletsky conclui o artigo com palavras que servem de incentivo ao ministro Dílson Funaro, sobretudo levando-se em conta que foram publicadas no jornal que é considerado a voz da City: “A história sugere que os devedores poderiam vencer uma guerra de propaganda contra os bancos, especialmen-

te se se dirigirem aos políticos e ao público, em vez de aos comitês de aconselhamento dos bancos. E parece que isto é o que o Brasil está fazendo”.

Palavras de simpatia pelo Brasil também aparecem na edição de domingo do jornal **The Observer**, e no último número da revista **The Economist**, que dedica três artigos à situação da economia brasileira. Num deles, a respeitada publicação inglesa procura acabar com o mito de que os brasileiros são um povo que prefere se divertir a trabalhar, e reforçar a impressão de que se trata de gente não só trabalhadora mas também muito criativa.